

Angélica Vier Munhoz  
Cristiano Bedin da Costa  
Sergio Andrés Lulkin  
(Organizadores)

PORQUE ESPERAMOS

[notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]

1º Edição

Porto Alegre  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Zona de Investigações Poéticas

2020

#I

- edições autonomaz - -

Organização: Cristiano Bedin da Costa, Angélica Vier Munhoz e Sergio Andrés Lulkin

Montagem: Cristiano Bedin da Costa

Todas as notas foram escritas entre os meses de abril, maio e junho de 2020, durante período de isolamento social relativo ao novo coronavírus. A responsabilidade pela revisão e pelo conteúdo dos textos é dos autores e das autoras. A ordem de apresentação corresponde à de envio.

Zona de Investigações Poéticas

autonomaz@ufrgs.br

[www.facebook.com/autonomaz](http://www.facebook.com/autonomaz)

[www.instagram.com/autonomaz](http://www.instagram.com/autonomaz)



Este texto é disponibilizado nos termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

**P837**

Porque esperamos [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus] / Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa, Sergio Andrés Lulkin (organizadores) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2020.  
100 p.

ISBN 978-65-86232-26-4

1. Formação de professores I. Munhoz, Angélica Vier II. Costa, Cristiano Bedin da III. Lulkin, Sergio Andrés IV. Título.

**CDU: 371.13**

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

## CONSTRUCTO CIRCULAR

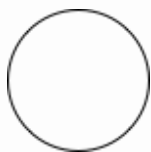
Paola Zordan

Docente do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do grupo de pesquisa Arte, Corpo, enSigno (ARCOE) e membro do Núcleo Transdisciplinar de Arte e Loucura (NuTAL/UFRGS). É formada professora de Magistério das Séries Iniciais pelo Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha e Bacharel em Desenho, licenciada em Educação Artística (ênfase Artes Plásticas), doutora e mestre em Educação, pela UFRGS.  
paola.zordan@gmail.com

Por Paola Zordan, início de maio

Exercícios literários-visuais em torno do mito de Teseu e o labirinto de Ariadne, fruto de reverberações de leituras brasileiras de Nietzsche e de forças atemporais filologicamente estudadas; por uma professora das Artes Visuais que não teme a morte, mas não tem a menor paciência com doenças, isolada socialmente em 2020. A presente composição, que se desenvolve em torno de variações do círculo, tem influência de uma formação acadêmica ao estilo Bauhaus. O procedimento, ainda que traga figuras icônicas da Filosofia da Diferença: Teseu, Ariadne, Minotauro, tem fortes traços do currículo formalista que vigorou no século XX. O uso diversificado de uma só forma é estratégia plástica há mais cem anos. Tal qual esse mundo do século XXI, carente de fármacos, adito em substâncias, desesperado por palavras, o que aconteceu entre 1920 e 1940 não pode ser ignorado. Guerras e pressões totalitárias não podem ser esquecidas no presente momento. Fuga é pouco.

0



desespero de Ariadne.

Naxos.

A Ilha deserta.

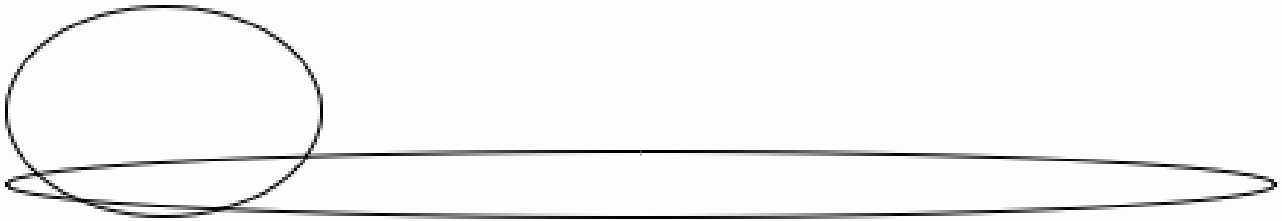


A casa caiu.

Minotauro escondido no meio.



Teseu não retorna.



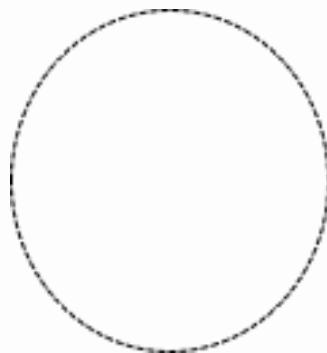
Não há labirinto desenhável que possa traduzir a mente.  
Qualquer desenho não passa de uma esquematização.  
Falha.



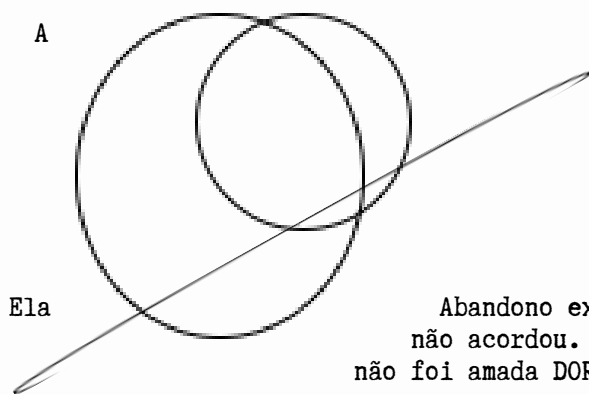
Sempre falha. Do fio.



Tudo o que



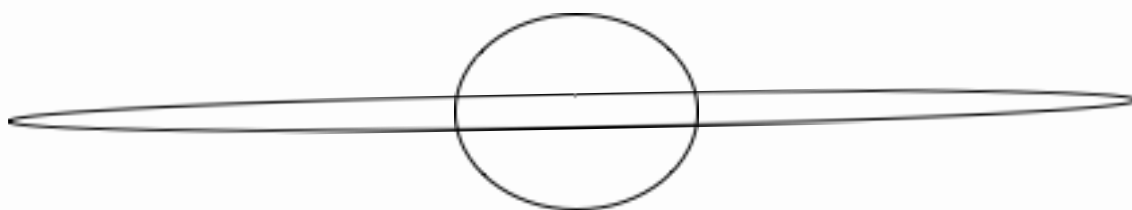
não se preenche



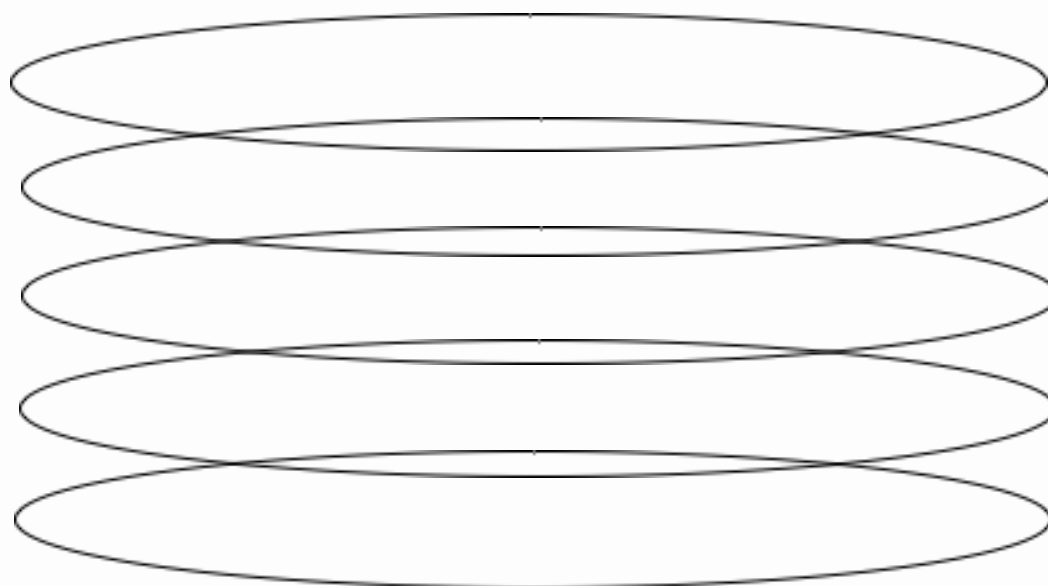
pureza se corrompe. Enforcamento necessário.  
O pendurar-se.  
Aguentar a posição inversa.  
Solidão.  
Quando a compaixão constelatória aumenta.

Abandono exposto.  
não acordou.  
não foi amada DORMINDO.

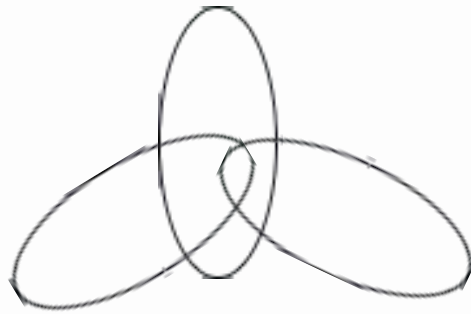
Ariana não tem castelos. Sua pele se confunde com areias. Seus cabelos se espalham no alcançar das ondas. A corda de navio, amarrada em seu pescoço. Culto difamado. Falta de perspectiva. Nenhuma saída.



Somente os deuses, esses professores do destino.

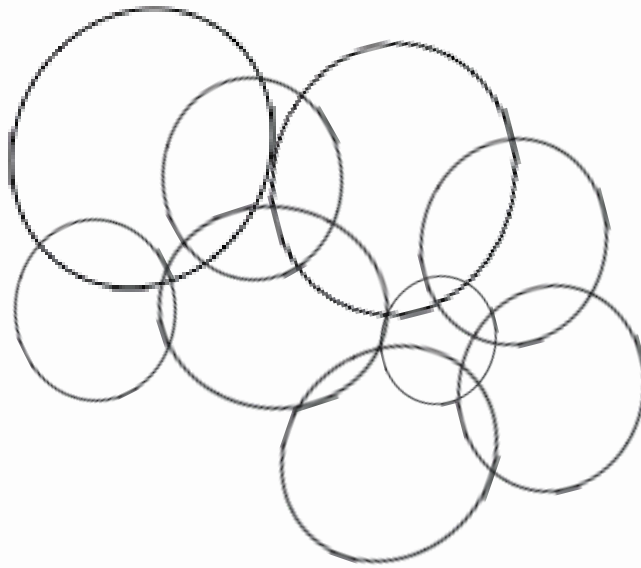


DIADEMA

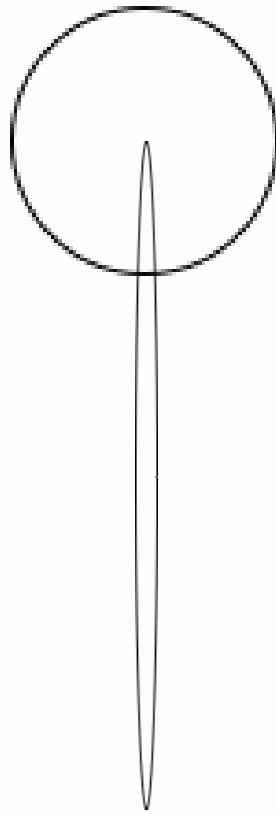


DIONISO

vinhas



perdias  
por dias  
silêncios  
num diário pandêmico  
cujas anotações  
são pedidos de socorro



Aperte, o Nó.

● Junto a uma dura conjunção de Saturno e Plutão, após a aguda passagem de Jupiter, alinhando luminosamente os grandes astros à Marte, astronomicamente na constelação de capricórnio, grau descritivamente anarético, no símbolo astrológico de áquario, antes de retrograrem. Isso mostra que não podemos permitir que o medo nos domine. Lutar pela Justiça requer cautela, prudência, recolhimento. As pesssoas no supermercado se tornam avarentas; na mídia, os imprudentes mostram o quão ridículo que pode ser um alvorecer das trevas travestida de luz. Não se sabe o que pensar dos tucanos que se arvoram, dos pobres marionetes apontando o revólver da ignomínia, das falhas no serviço funerário, nos corpos que se avolumam dentro dos containers. Rezemos, atotô. São tempos de Obaluaíê. A vida pode se segurar somente em frutas e flores. Se houver florestas, sempre haverá cura. Hades tem as riquezas e os segredos, Cronos pede mais tempo, os guerreiros se eriçam, o mito começa com a exigência de sacrificados e termina com o herói se matando no abismo.



